



A repercussão nos jornais de livros simbolistas de 1899

ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR

UNESP/Assis



Resumo: Em 1899, a inovação na poesia brasileira era representada pelo movimento simbolista, cujo principal expoente, Cruz e Sousa, morreu no ano anterior. Sem seu líder, os simbolistas perderam energia e encerraram-se na sua torre de marfim. Os parnasianos, por outro lado, continuaram contando com o respeito público e o apoio irrestrito dos críticos de jornal. Os jornais, a propósito, divulgavam com destaque e regularidade a poesia de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Luís Murat e Raimundo Correia, entre outros parnasianos. Para bem compreender o curioso fenômeno da modesta repercussão do simbolismo no Brasil, pode-se investigar como foram recebidos pela imprensa periódica determinados livros: *Evocações*, de Cruz e Sousa, *Cruz e Sousa*, de Nestor Vitor, *Setenário das dores de Nossa Senhora e Câmara ardente*, de Alphonsus de Guimaraens, e *Terra dolorosa*, de Oliveira Gomes. Em uma primeira etapa de pesquisa mais abrangente, examinaram-se as coleções dos periódicos *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias* e *A Notícia* em busca de notícias, resenhas e análises críticas dos livros citados.

Palavras-chave: Simbolismo; Periódicos; Recepção crítica

Abstract: In 1899, the innovation in Brazilian poetry was represented by Symbolist movement, whose main exponent, Cruz e Sousa, was dead in the previous year. Without their leader, the symbolists lost power and closed themselves in their ivory tower. The Parnassians, on the other hand, continued enjoying the public's respect and the totally nice support from newspapers critics. The newspapers, by the way, divulged constantly with prominence the poetry of Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Luís Murat and Raimundo Correia, among others Parnassians. For understanding well the curious phenomena of the small repercussion of Symbolism in Brazil, one can investigate how some books were received by the daily press: Cruz e Sousa's *Evocações*, Nestor Vitor's *Cruz e Sousa*, Alphonsus de Guimaraens' *Setenário das dores de Nossa Senhora e Câmara ardente* and Oliveira Gomes' *Terra dolorosa*. As a first stage of a more extensive survey, the *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias* and *A Notícia* collections were examined in search of news, chronicles and critical surveys of the quoted books.

Keywords: Symbolism; Newspapers; Critical reception

I

Apresentam-se aqui os primeiros resultados de uma pesquisa sobre a repercussão inicial dos livros simbolistas em periódicos cariocas desde 1893, ano em que saíram à luz *Missal e Broquéis*, até 1905, ano da publicação póstuma dos *Últimos sonetos*, de Cruz e Sousa.¹ Em sua primeira fase, a pesquisa restringe-se aos periódicos cujas coleções em microfilmes estão incorporadas ao acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), sediado na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP). Para este artigo, que analisa as resenhas e notícias de

livros simbolistas do ano de 1899, consultaram-se apenas *A Notícia*, *Gazeta de Notícias* e *Cidade do Rio*.

Em 1899, a inovação na poesia brasileira era representada pelo movimento simbolista, cujo principal poeta, Cruz e Sousa, falecera no ano anterior. Sem seu líder, os simbolistas perderam força e fecharam-se cada vez mais em sua torre de marfim. Os parnasianos, ao contrário, continuaram desfrutando do prestígio público e do apoio amplamente favorável da crítica de rodapé. Os jornais, a propósito, divulgavam com frequência e destaque a poesia de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Luís Murat e Raimundo Correia, entre outros parnasianos. Para compreender melhor o fenômeno curioso da pequena repercussão do simbolismo no Brasil, cabe investigar como foram recebidos pela imprensa diária os seguintes livros: *Sinhá Flor*, de B. Lopes, *Evocações*, de Cruz e

¹ Os delineamentos gerais da pesquisa foram apresentados em Porto Alegre por ocasião do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários, realizado em 2006 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Sousa, *Cruz e Sousa*, de Nestor Vitor, *Setenário das dores de Nossa Senhora e Câmara ardente*, de Alphonsus de Guimaraens, e *Terra dolorosa*, de Oliveira Gomes.

A primeira constatação da pesquisa foi a de que, dos três jornais consultados, somente *A Notícia* manteve ao longo de todo o ano uma seção dedicada aos livros recém-lançados. Assinada por J. dos Santos, pseudônimo de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), a “Crônica literária” era semanal e encarregava-se do comentário de livros de todas as áreas, da poesia à medicina, da filosofia ao direito. J. dos Santos pronunciou-se sobre três livros de poesia simbolista e sobre um estudo crítico da obra de Cruz e Sousa.

Causa certa surpresa que a *Gazeta de Notícias*, jornal tão dedicado à divulgação da literatura, não mantivesse regularmente uma seção de resenhas de livros novos. Nela publicaram-se, de forma aleatória, apenas alguns textos críticos assinados por Luís Guimarães Filho (1878-1940).

Entretanto, digno de nota é o vespertino de José do Patrocínio. Em abril de 1899, a *Cidade do Rio* publicou uma série de quatro artigos de Gustavo Santiago (1872-?) sobre *Cruz e Sousa*, estudo crítico de Nestor Vitor. A apreciação do resenhista é francamente favorável ao crítico e ao poeta estudado. No entanto, em agosto de 1899, iniciou-se a colaboração de Claude, pseudônimo de Paulo Barreto, que posteriormente seria mais conhecido como João do Rio. Claude seria implacável com o movimento simbolista francês e com seu similar brasileiro.

Das obras simbolistas publicadas em 1899, segundo levantamento realizado nos dois volumes do *Panorama do movimento simbolista*, de Andrade Muricy, não foram agraciados com resenhas os livros *O inimigo*, de Emiliano Pernetá, *Brindes*, de Nestor de Castro, e *Dona Mística*, de Alphonsus de Guimaraens. A publicação de *Sinhá Flor*, de B. Lopes, foi apenas noticiada pela *Cidade do Rio* em 5 de julho (p. 2, 5. col.).

II

Evocações, de Cruz e Sousa, recebeu a atenção de Luís Guimarães Filho no dia 2 de abril (p. 2, 1. col.). Logo de início, o crítico da *Gazeta de Notícias* demonstrou perceber a importância da sugestão na obra do Dante Negro:

O que existe de orgânico e real na vida das palavras, chega a desaparecer, e fica-nos uma veemente sensação de pureza, de mistério, de luminoso, de imponderável, pela sugestiva força evocadora do Artista.

Guimarães Filho também destacou o caráter espiritualizante e sublime dos poemas em prosa, expressando-se à maneira dos simbolistas:

Nas grandes asas da sua Conceição, envolta num estilo de fluidos e maravilhas, somos arrastados da terra e da miséria, voamos nos supremos abismos onde reina a revelação, onde se tem o contato da luz, onde se conhecem os segredos do universo, por uma doce alucinação de sonâmbulo e de louco.

Reconheceu o crítico, entretanto, que, a despeito da ânsia por elevação espiritual, revelada pelos textos, havia uma força a manter o poeta preso à terra:

... o mesmo espírito que é aqui quase insexual, [sic] que sonha com anjos, que faz confidências ao luar, ao céu, às virgens, às auroras, e a Jesus, é ali luxurioso e macabro, a pedir abraços estranguladores, bocas solferinas, [sic] peitos fartos e lubrificos, ventres elétricos e olhos de bacantes...

Tão sensível para a novidade estética representada pela obra de Cruz e Sousa, Guimarães Filho não conseguiu libertar-se das ideias hegemônicas de seu tempo, pois justificava as páginas eróticas do livro alegando que nelas

... o homem cede à fatalidade fisiológica do sangue, à morbidez lasciva da sua etnologia negra, que denuncia nele, – o sublime semi-Deus da “Mater” e da “Seráfica”, – o animal sequioso de desejos insatisfeitos e formidáveis prazeres.

Em outro fragmento, a “etnologia” também é apontada como causa de uma debilidade do livro: “A sua leitura cansa e enjoa como depois de assistirmos a uma dança do ventre. É a revelação da raça que se patenteia ali. A alma de Cruz e Sousa não regeu os compassos dessa negra música desafinada”.

Apesar dessa objeção baseada no racismo *cientificista* típico do final do século XIX, a apreciação do crítico foi, em linhas gerais, positiva; o texto, aliás, encerrou-se de maneira eloquente:

Ah! Gênio! Gênio! Descansa na imortalidade da tua glória e espalha nos misteriosos mundos que só os mortos conhecem toda a luz da tua magnificência!
E tu, oh! Noite estrelada e fria! Oh! Noite bendita! Oh! Noite consoladora dos poetas! Segreda-lhe junto do túmulo aquelas maravilhas e aquelas confidências que ele te dizia, na música de um estilo feito de luz, tecido de neblinas, vago como um sonho de criança e etéreo como um beijo do luar...

Em 8 de abril, J. dos Santos dedicou a sua coluna no vespertino *A Notícia* (p. 2, rodapé) à análise de *Evocações* e *Cruz e Sousa*, livro de Nestor Vitor. O início do texto já revelava o seu caráter de réplica a Luís Guimarães Filho:

Não é hoje tarefa muito fácil falar de Cruz e Sousa. O seu nome tornou-se para um grupo de escritores novos uma bandeira de combate. O menos que o chamam é – *gênio*! Onde esteja porém a sua genialidade não sei de nenhum que o tenha dito claramente, de um modo ao alcance das inteligências simples e mediócras [sic] do rabiscador destas linhas. Quando os seus admiradores empreendem esclarecer-nos sobre a estética do *Missal*, dos *Broquéis*, ou das *Evocações*, começam por imitar-lhes o estilo – e não é precisamente pela limpidez que esse estilo brilha...

Após esse irônico nariz-de-cera, J. dos Santos começou a examinar os enunciados do crítico de *A Notícia* procurando demonstrar que eram incompreensíveis por serem ilógicos. Incompreensível seria, inclusive, o próprio Cruz e Sousa, como confessariam os seus próprios admiradores. Para J. dos Santos, tal reconhecimento não afetaria o prestígio do poeta:

Essa confissão não o amesquinha a seus olhos. Bem pelo contrário lhes parece mais uma razão para admirá-lo. É assim que escrevem da sua psicologia que ela é “estranha, incompreensível, admirável...”

Na sequência do artigo, J. dos Santos dedicou-se a distinguir os grupos em que se dividiam os admiradores do autor de *Broquéis*. O primeiro grupo seria o dos admiradores sinceros que, muitas vezes, privaram da intimidade do poeta, “um nobre caráter, um bom e meigo amigo, um coração de poeta”. Insinuou o crítico que a amizade obscurecera o espírito crítico desse grupo:

Um impulso generoso e cheio de nobreza levou muitos a [...] exagerarem os seus elogios. Queriam – e querem ainda – como um desagravo ao seu infortúnio pessoal e imerecido, forçar a sociedade, que o maltratou, ora consciente, ora inconscientemente, a aceitá-lo como um gênio. Já que em vida ela o amesquinhou, que surja agora acima dela, elevado no mais alto dos pedestais!

O segundo grupo dos admiradores seria daqueles que “na incerteza do rumo que tomar[iam] e tendo o legítimo desejo de aparecer”, cercavam os admiradores sinceros “por espírito de *coterie*, para, elogiando o amigo comum, serem também elogiados...”

O terceiro seria constituído pelos “*snobs*” que fingiam “sempre entender as mais ininteligíveis cousas, para parecerem espíritos de rara elevação”. Sua admiração seria, entretanto, “quase sempre desastrada: elogiam de tal modo, que os louvores parecem antes mal disfarçadas troças...”

J. dos Santos acusou muitos admiradores de má fé ao declararem compreender Cruz e Sousa. Em sua opinião, haveria nisso um interesse escuso:

Se, exatamente, ele era tão cheio de sublimidades, se o penetrar o seu pensamento já era mostrar-se um espírito de *élite*, estranho e original! E eles, para uso do público, tomaram o partido de asseverar que nada lhes é mais luminosamente claro que os seus trechos mais obscuros. Apenas, se tentam mostrar deveras que o penetraram, são forçados ou a exprimirem-se em trechos mais obscuros ainda ou a dizerem-nos, como Nestor Vitor, que as palavras de que ele se serve têm às vezes significações opostas às do uso! Que vezes? Para se reconhecer isso exige-se por acaso uma iniciação? Uma intuição divina?

J. dos Santos expressou, por fim, sua opinião sobre Cruz e Sousa, que fora “um artista inacabado, imperfeito” e “incapaz, absolutamente incapaz de síntese, de sobriedade e, portanto, de propriedade de expressão”. Seguindo apenas o “princípio da harmonia”, o poeta seria guiado pelo ouvido, reunindo as palavras “não pelo que elas queiram dizer, mas, sobretudo, pelo que elas soam”. Desse “acaso de aliteração e consonância”, surgiriam ocasionalmente pensamentos “de certa originalidade, contra a vontade ou ao menos sem a mínima intenção do autor...”. Entretanto, acabariam por predominar em seus textos “absurdos de significação”, conforme sugeriu o crítico:

No turbilhão das palavras, no embalo da harmonia, julga-se às vezes que se está compreendendo: passam termos raros, exóticos, que por si sós evocam nobres idéias... Quando, porém, a gente os quer concatenar, sente que tudo se escapa. Resta apenas uma música de sílabas...

O artigo encerrou-se com o irônico reconhecimento de que as *Evocações* seriam um documento de valor pelo fato de que estaria seu autor “tendo por alguns momentos a admiração de um grupo de moços, alguns deles muito mais talentosos do que ele”.

Sentindo-se diretamente atingido pela “palma-tória de padre-mestre” de J. dos Santos, Luiz Guimarães Filho rebateu uma de suas críticas na *Gazeta de Notícias* de 13 de abril (p. 2, 2. col.) utilizando argumento de autoridade:

O Sr. J. dos Santos surpreendeu-se por eu ter escrito que a prosa das *Evocações* entra-nos na alma sem nos impressionar os sentidos. A isto responde afirmando que *pelo menos* os ouvidos são impressionados!

Beethoven dizia que a música era, para ele, a arte que o punha mais diretamente em contato com o mundo real, e que amava essa arte acima de qualquer outra por ela lhe penetrar no coração sem lhe impressionar os sentidos. Faz pena que o Sr. J. dos Santos não tivesse sido contemporâneo de Beethoven.

Em uma espécie de contra-ataque, Guimarães Filho também insinuou que J. dos Santos, por não possuir a sensibilidade e os instrumentos críticos necessários para compreender Cruz e Sousa, fez um julgamento leviano:

... nestas breves e rápidas linhas, veja o Sr. Santos unicamente o interesse que eu tenho em lhe mostrar como S. Ex. exagerou o *pecado*. S. Ex., que aliás nada simpatiza com Cruz e Sousa, viu tudo por óculos de aumento, e apesar disso continuou a ser míope.

Eu não discuto se o Sr. J. dos Santos gosta ou não gosta do livro de Cruz e Sousa, fato que me é totalmente indiferente. Apenas lhe quero fazer sentir que S. Ex., levando minhas palavras para o âmbito cerrado de uma análise científica, perdeu uma ótima ocasião de ficar calado.

A “monografia” de Nestor Vitor sobre Cruz e Sousa motivou ainda uma série de quatro artigos de Gustavo Santiago publicados na *Cidade do Rio*. Tratava-se de um estudo dividido em três partes, sendo que a segunda dividia-se por dois números do jornal.²

Santiago iniciou seu longo ensaio em 20 de abril (p. 2, 4. col.) afirmando haver conhecido pessoalmente Cruz e Sousa, que era “homem negro, de estatura regular, olhos cismadores, feições doces, atitudes francas e intemoratas”. Depois de breves comentários e longas transcrições do estudo de Nestor Vitor, considerou as interpretações da poesia do Dante Negro à luz das teorias raciais vigentes no período. Segundo o crítico, a África, onde se forjara a raça negra, não se constituiria apenas da aridez do Saara, mas apresentaria também regiões temperadas e aprazíveis, o que levou o crítico a concluir que “peca, por esse lado, toda e qualquer argumentação, tendente a provar a inferioridade da chamada raça africana” pela ação deletéria do meio. Prosseguiu Santiago questionando a própria divisão da humanidade em raças:

Não menor, por outro lado, é o erro. Com os grandes esclarecimentos últimos prestados pela ciência, com as luzes derramadas por ela, no que refere a [sic] origem comum para a espécie humana, quer o olhemos de acordo com o espiritualismo, quer com o materialismo, até parece irrisório pensar ainda em brancos e negros, amarelos e vermelhos. As idéias hoje a esse respeito estão muito mudadas.

Essas considerações procuravam certamente atingir os que, na crítica literária, se orientavam pelas teorias raciais, como se nota no fragmento abaixo:

Ora, em consequência, como ater-se ainda alguém, na razão explicativa dos defeitos e qualidades deste povo ou daquele, à pedantocracia lorpa e metafísica de um preconceito arvorado em dogma?

Por fim, o crítico acrescentou:

Além do que [...] Cruz e Sousa não era africano. Nasceu no Brasil, em a ilha [sic] de Santa Catarina, creio que de pais brasileiros, aqui crescendo e estudando, aqui manifestando-se intelectualmente.

Na segunda parte do ensaio, publicada em dois números do jornal,³ Santiago dedicou-se à análise de outras obras de Nestor Vitor e, em 26 de abril (p. 2, 7. col.), aproveitou o ensejo para lamentar o materialismo do tempo e a falta de sensibilidade de seus contemporâneos para a beleza:

Vão [as pessoas] ainda às igrejas, porque as portas estão abertas e lá se passam algumas horas longe dos cuidados caseiros. Ainda não se derrubaram todas as florestas porque não tem havido tempo. Nos altares, as imagens são motivos de cálculos monetários, nos ramos, os ninhos servem de alvo às investigações cinegéticas. Ninguém cuida mais do que é grande e belo, ninguém pensa mais em Deus. Viver! Eis a senha; viver! A palavra de ordem que percute de sul a norte. E, como viver equivale a lutar, luta-se horrorosamente, transtornada assim a existência de estágio delicioso em geena. Havia o oásis, e a gente chegava, abeirava-se dele, reconfortava-se; agora é o deserto, tudo areia, tudo seco, árido, só a extensão infinita diante dos olhos. Puseram fogo às palmeiras, arrancaram às hastes os lírios, secaram os lagos. Os cisnes correram-nos a pedradas; os luars, mataram-nos a saudades; pintaram o céu de roxo.

Em 29 de abril (p. 2, 5. col.), Santiago iniciou a última parte do seu ensaio de forma categórica:

... para criticar é preciso, em antes do mais, compreender. [...] Só o amor traz consigo a energia fecundante das grandes criações, só ele enseja no homem esse estado sublime de hiperestesia, que o aproxima como criatura do Criador.

Depois, o crítico esboçou um perfil dos que não estão preparados para compreender a poesia. Santiago procurava ser contundente:

O mesquinho de coração, o medíocre de alma, impulsionados unicamente da sua tacahez de espírito ou do seu vesgo despeito de invejosos, esses são os impotencializados [sic] da matéria, os eunucos da fancaria meiótica, os produtozinhos sesquipedais da artificialidade do convencionalismo.

² Nos últimos parágrafos do longo ensaio, Santiago disse ser “dever” da crítica apurar a autoridade do autor para tratar do assunto que se dispôs a estudar. Esse trabalho ocupara, segundo ele, as duas últimas partes do ensaio; a primeira havia sido dedicada a resumir e comentar a obra de Nestor Vitor (29 abr. 1899, p. 2, 5. col.).

³ 22 e 26 de abril de 1899.

Logo se percebe que Santiago visava a atingir os críticos dos jornais, aos quais acusou de leviandade e má-fé:

Nem os seus juízos, se a tais coisas se deve de dar tal denominação, se pautam em uma verdade, embora agressiva por certeza intelectual; nem as suas opiniões resultam de horas longas enfebreçadas, em estudo sério e nobilitante. Há sempre por trás, a mostrarmos simiescamente ridículos em o seu dogmatismo de mestres-escola, quando não o interesse ocasional, o medo oficializante e oficial da Opinião.

O resultado da atividade de tais críticos seria, segundo Santiago, simplesmente deplorável:

... a sua crítica é sempre um arrastar de muletas, um notar engraçado de erros de gramática e senões sem importância alguma, um desconhecer capciosamente aparvalhado de causas e elementos diversos e múltiplos, em outros um vazio absoluto de idéias e argumentos, um arrojado cretino de frases sem nexos e insultuosas, um antes achincalhamento da reputação alheia. Não vêem, não sabem ver ou não querem ver, obcecados por isto ou por aquilo; entendem, entretanto, que podem e devem julgar; julgam desse modo; o resultado é o perfeito desprezo do criticado pelo crítico em algumas ocasiões até a sua revolta afirmada solenemente na ponta de uma bengala.

.....
A crítica, [...] legitimamente crítica, fundamentalmente, não pode estar a preocupar-se com essas minúcias, com essas ninharias de colocações pronominais, rigorismos sintáticos, regrinhas balofas, só demonstrativos de cômodas preguiças mentais, deturpações vergonhosas das altas funções do espírito.

Ao final do ensaio, depois dessa catilinária contra os críticos de rodapé, Santiago ressaltou as altas qualidades do crítico Nestor Vitor, uma vez que para criticar seria preciso compreender e, para compreender, seria preciso amar. O crítico foi enfático:

... entre nós, ninguém tem mais competência para traçar largamente a individualidade de Cruz e Sousa do que Nestor Vitor. A sua autoridade, nesse ponto, é indiscutível. Nunca duas almas vibraram tão intensamente acordes, nunca dois corações pulsaram tão fortemente harmônicos.

Parece evidente que Gustavo Santiago pretendia entrar na polêmica aberta pelo texto de J. dos Santos, saindo em defesa de Luís Guimarães Filho, – embora fizesse reparos à sua concepção etnológica, – questionando a postura, os métodos e a aptidão crítica de J. dos Santos, um dos principais críticos de rodapé daquele tempo, e

defendendo a autoridade de Nestor Vitor para pronunciarse sobre a obra de Cruz e Sousa por ser o crítico mais preparado para compreender o simbolismo.

III

Setenário das dores de Nossa Senhora e Câmara ardente, de Alphonsus de Guimaraens, despertou o interesse de Luís Guimarães Filho e J. dos Santos. O crítico da *Gazeta de Notícias* iniciou seu texto de 24 de abril (p. 2, 3. col.) com elogios ao aspecto material do livro, que agradaria à vista, em especial pela “beleza do frontispício”, que lembraria “as antigas iluminuras dos livros de Horas e de outras obras antigas de religião”. Guimarães Filho valorizou também a boa metrificação dos versos do livro, o qual considerou “suave e bom” e onde notou, reconhecendo qualidade saliente do poeta simbolista, “uma delicada e agradável monotonia”.

Apesar do elogio à metrificação “quase irrepreensível” do livro e ao “amor à forma” do poeta, o crítico não deixou de lamentar um verso de pé quebrado e uma rima inadequada (entre “sirtes” e “tristes”). No entanto, louvou a escolha do universo temático, que evitou assuntos polêmicos ou de fácil apelo popular:

A honestidade é a principal condição para se amar um espírito: Guimaraens não foi buscar aos lupanares, nem aos monturos, nem aos cancos, nem aos vícios, nem às misérias, motivos para os seus versos: inspirou-se na figura ideal e castíssima de Nossa Senhora, fez dos seus sonetos orações, cantou-a de joelhos, e com os olhos cheios de lágrimas pediu-lhe “a bênção que redime e que perdoa”.

Após garantir aos leitores ser o *Setenário* um livro que se deveria “amar como um rosário de rezas”, Guimarães Filho interrompeu suas considerações para dele transcrever dois sonetos e depois declarar que sua vontade era a de “transcrever quase todo o livro”.

Em 5 de maio (p. 2, rodapé), J. dos Santos também se pronunciou sobre o livro de Alphonsus de Guimaraens, a quem reconheceu o direito de ser chamado de poeta, embora não considerasse a sua fé muito sincera nem sua arte “de todo perfeita”, porque haveria, em alguns de seus versos, “preciosidades de estilo, que revelam mais o literato desejoso de *épater le bourgeois*, do que crente simples e de boa fé”. No entanto, o crítico imediatamente admitiu que sua apreciação poderia ser resultado de prevenção suscitada pelo nome “ortografado tão exoticamente”. Segundo J. dos Santos, essa restrição inicial não punha em dúvida a qualidade do livro porque “o essencial em arte não é a sinceridade. Sentir – é o menos; fazer sentir – é tudo”.

Na sequência do artigo, o crítico do vespertino *A Notícia* condenou a falta de sentido preciso de alguns versos do livro; tal reparo demonstrava sua incapacidade de reconhecer o valor da sugestão simbolista, como se nota no fragmento abaixo:

Em tudo isso há um misticismo de contrabando, que vem menos das cousas que das palavras, porque, embora as *palavras* traduzam geralmente objetos, aqui, em certos casos, elas não chegam a formar imagens perante o espírito. Dizer, por exemplo, que a “Caridade é um hinário de lausperennes e de misereres” não chega a ser cousa alguma definida e exata. Só a muito custo pode forjar-se para isso uma vaga quintessência de metáforas...

Nesses momentos menos felizes, segundo a avaliação de J. dos Santos, notar-se-ia o “imitador dos decadentes franceses e portugueses”. A esse respeito, a menção do nome de Verlaine em um poema permitiu ao crítico concluir que a intenção de Guimaraens haveria sido “fazer uma obra análoga a *Sagesse*”. O crítico ponderou, no entanto, que, “se queria tão pouco”, o poeta brasileiro “fez isso e muito mais”, pois “seu livro é muito melhor que o do poeta francês”.

Para demonstrar a qualidade da poesia de Guimaraens, o crítico transcreveu alguns versos e todo um soneto e lamentou a falta de espaço para citar tudo que havia de bom no livro. Após a transcrição do soneto, J. dos Santos insistiu em assegurar a superioridade do poeta brasileiro sobre o francês:

Há nessa poesia uma unção religiosa, a que bem raramente Verlaine se elevou. De mais, os versos de Alphonsus de Guimaraens são versos, versos bons, versos excelentes; os de Verlaine, no livro citado, são quase todos uma vaga prosa rimada, perfeitamente insípida. Um dos maiores méritos de *Sagesse* será agora para mim ter suscitado a Alphonsus de Guimaraens o desejo de fazer o seu pequeno e mimoso livro, que vale por si e vale como promessa de um poeta de futuro, quando quiser despende-se do misticismo com que se vestiu.

Contrariando a recomendação do crítico,⁴ Guimaraens, como se sabe, não abandonou o misticismo e, com isso, consagrou-se como um dos grandes poetas brasileiros.

⁴ Em primeiro de dezembro de 1899, J. dos Santos dedicou alguns parágrafos de sua “Crônica literária” ao livro de estreia de um “mocinho de 15 anos de idade”, a quem procurou afastar da “obscuridade” simbolista. Tratava-se de *Mitos*, de A. S. Castro Meneses, em quem o crítico reconheceu um imitador de Cruz e Sousa “pelo uso de certas expressões muito correntes no autor dos *Broquéis*, pelo excesso de palavras inventadas e das letras maiúsculas”. J. dos Santos mostrou-se confiante no futuro do jovem poeta porque, “a despeito do modelo, não pôde o imitador atingir à obscuridade habitual de Cruz e Sousa. Seus versos, incertos ainda, querem sempre dizer alguma coisa – o que afinal, atualmente, já não é pouco”.

IV

O ano de 1899 não se encerraria sem uma novidade notável: a estreia de Paulo Barreto como crítico literário sob o pseudônimo de Claude. O primeiro texto por ele publicado na *Cidade do Rio* em 3 de agosto (p. 1, 5. col.) seria dedicado à resenha de *Terra dolorosa*, livro de contos de Oliveira Gomes, que Claude identificaria como um dos líderes simbolistas. O crítico iniciou seu texto reconhecendo que o autor “editou o seu livro preciosamente com uma capa lembrando missais”, mas logo afirmou que o artifício não passava de “uma imitação das edições do Mercúrio de França, fonte centralizadora da decadência espiritual latina”. Ao tratar do estilo do autor, Claude não foi menos impiedoso: “São quase nevroses aquelas frases cheias de reticências com uma porção de palavras começando por letras maiúsculas”. *Terra dolorosa* discreparia, segundo o crítico, da positividade científica do século XIX:

Quando, em plena Europa no começo deste século, a cruzada de uma arte forte, que fosse a vida, propagou-se por uma dezena de grandes homens, quando o experimentalismo surge com Claude Bernard e Chevreul fundando um método novo da positividade; quando Comte fez uma enciclopédia tremenda de saber, reformando toda a matemática, fundando a lei dos três estados, e Darwin, um desdobramento de Lyell e Lamarck, demonstra o evolucionismo e a seleção; os cérebros impotentes para pensar, atacados de uma degeneração mental trazem à publicidade pedaços esparsos da sua pobreza cerebral, trapos dolorosos da decadência de uma raça, revivendo a sensualidade mórbida de Salomão, a decrepitude romântica.

Claude encerrou o seu texto com ironia feroz, negando a existência de qualquer valor intrínseco no livro:

... como um exemplo frisante da incapacidade avassaladora, como um caso especial da nevrose geral que ataca sempre os de pouca positividade científica ou os obcecados, guarda-se o livro. Como novidade de escola, personalidade artística nova dando um germen mais de vida a essa ressurreição, é banalíssimo, terrivelmente banal.

Na *Cidade do Rio*, Paulo Barreto ainda examinou livros de românticos retardatários e de parnasianos, mas na resenha dos *Cantos*, de J. H. de Freitas, publicada em 4 de setembro (p. 2, 1. col.), revelou que seu ideal de poesia ainda não se realizara, apesar do brilho fugaz dos primeiros parnasianos:

O Parnasianismo, única forma de verso aceitável, desde que ainda não houve poeta capaz de nos dar o verdadeiro naturalismo, ora pecando pela exageração

com Richepin, ora pela timidez com Coppée; nunca ficam perfeitamente estabelecidos aqui, estiolando-se naqueles mesmos que a aclimaram – a arte teve um momento de elegância do verso, de qualquer coisa de fino, rápido e brusco, como um fogo de vistas: a aclimação dos delírios de Catulle Mendes e Banville, sendo a geração de 1880 a única que se pode orgulhar disso.

Com esse estado de espírito, Paulo Barreto dedicou ao simbolismo em 3 de outubro (p. 2, 6. col.) todo um artigo, que assinou com seu próprio nome. Logo no início lamentou que, no século da ciência e da filosofia positivista, a humanidade se inclinasse “com todo o peso das convicções tradicionais e hereditárias para o ocultismo da credence e o simbolismo artístico, grito da ignorância ou da degeneração”. Da sua perspectiva, o contexto era desastroso:

... a divagação simbólica e desencontrada assoberba todo o mundo vagarosa como um pântano formado pelas chuvas hibernais, pantanoso como o leito dos rios em vazante, triste de uma aguda tristeza agonizante [sic] no relincho de uma espécie retrogradando ou de todo um mundo nas convulsões epiléticas da loucura.

O crítico considerava os novos rumos da arte um verdadeiro retrocesso:

Os métodos científicos vão por terra, todo o trabalho de gerações para a obra da verdade, que começa no XVI século, termina aqui bruscamente diante da vara de um mágico ou da gritaria cavernosa do simbolismo; a grande teoria d'arte, que já surgira em Homero, desaparece depois de uma evolução milenária [sic] para a forma final da perfeição.

Paulo Barreto não dirigiu suas farpas exclusivamente aos simbolistas brasileiros; muito pelo contrário, quis pronunciar-se sobre o simbolismo *universal*. Por isso, atacou os costumes e a *toilette* dos franceses que se embebedavam nos cafés parisienses:

... fizeram uso das vestimentas originais, andaram mentecaptamente de barba assíria como o Sr. Peladan, fizeram sucessos de reclame [sic] como os vendedores de extratos maus, à custa de chapéus de seda cor de rosa, à custa de casacos velhos como o delicioso e dipsômano Verlaine que chegou a instituir a moda de fatos verdes, tal era a sua porcaria e a cor transformada das suas vestes.

O crítico insinuou que a extravagância teve o condão de conquistar a “massa” e formar “uma chusma enorme de discípulos ignorantes ou desequilibrados”. Suas palavras revelavam certa prevenção moralista contra os novos artistas:

O burguês comprava o livro de um senhor qualquer original no modo de vestir, ou cheio de vícios contra a natureza. Enquanto um inimigo ao lado, vestido como toda a gente, desmascarava-o, cortando o tumor do vício tranquilo e calmo como um médico, os outros que surgiam usavam cousas esquisitas, embebedavam-se, andavam sujos e cantavam numa apoteose nevrótica, de palavras azuis e brancas, todos os vícios proibidos e todas as degenerações.⁵

Depois de tratar rapidamente da difusão do simbolismo pela Europa, o crítico da *Cidade do Rio* considerou, – com uma sintaxe impossível, diga-se de passagem, – a repercussão do movimento entre os brasileiros.

O Brasil, que já passou pela crise Hugoana, da qual ainda temos exemplos, perdurou, na forma parnasiana, do verso da geração de 80, e que incapaz foi de dar uma verdadeira impressão do experimentalismo artístico, assimilou pelas condições de degenerência [sic] mental e rudimentar instrução característica, essa escola má e imperfeita sob o apuro alvar da população que via mais uns palhaços a diverti-los denominados pela estupidez trágica do burguês genericamente de nefelibatas.

Paulo Barreto encerrou o seu artigo declarando-se impressionado com os “vinte anos de poder” dos simbolistas e confessando: “Dá vontade de desfechar em gargalhadas convulsas, ou de desatar em pranto, chorando a humanidade e chorando a verdade”. Para o crítico, os simbolistas vinham “da prostituição mental, da bandalheira gritada alto nas avenidas públicas, do vício afixado nas esquinas, da imoralidade proclamada no altar pseudo-casto de uma ignomínia clandestina”. Nota-se que o jovem Paulo Barreto, perfeitamente doutrinado pelo positivismo e munido de concepções científicas, não compreendia a força renovadora do simbolismo, considerando-o, ao contrário, manifestação retrógrada de forças obscurantistas.

V

As resenhas de livros simbolistas publicadas nos jornais *Gazeta de Notícias*, *Cidade do Rio* e *A Notícia* em 1899 constituem uma bela amostra da batalha que se armou nos jornais por ocasião da publicação dos livros simbolistas e demonstram a viabilidade e o interesse de uma pesquisa abrangente que recupere as circunstâncias, o teor e os desdobramentos da luta. Apesar

⁵ Paulo Barreto referiu-se a Oscar Wilde como “o louco moral por excelência, invertido vulgar, desequilibrado completo que chamou a atenção do inglês comilão e parvo pelos passeios escandalosos em Pall-Mall-Frant”. João do Rio, como se sabe, teria motivos para identificar-se com o autor a quem dirigia essas palavras duras.

do pequeno número de periódicos consultados, tornou-se possível acompanhar o desenvolvimento de polêmicas despertadas pela publicação de livros simbolistas. Nas resenhas analisadas foi possível flagrar a interferência do positivismo e do materialismo nas apreciações críticas até mesmo de críticos simpáticos ao simbolismo como Luís Guimarães Filho. Pôde-se perceber que os críticos de rodapé não dispunham de critérios adequados para julgar a poesia dos *novos*; seus instrumentos falhavam por serem grosseiros demais.

O texto de Gustavo Santiago publicado na *Cidade do Rio* em 20 de abril de 1899 discutia as teses racistas do tempo, procurando denunciar a sua incongruência e o seu caráter ideológico de expressão do preconceito racial. Entretanto, a declaração de que Cruz e Sousa “não era africano”, uma vez que nascera “no Brasil”, em texto escrito para defender o poeta, faz pensar sobre uma possível interferência do racismo cientificista nos juízos críticos – até mesmo entre os mais fervorosos admiradores do Dante Negro, a despeito das boas intenções destes. Guimarães Filho, no texto publicado na *Gazeta de Notícias* em 2 de abril de 1899, levou em consideração, na análise de *Evocações*, a “etnologia negra” do poeta. Não há, entretanto, como avaliar satisfatoriamente tal interferência com os elementos por ora disponíveis.

Para concluir, pode-se apontar como resultado interessante dessa pesquisa inicial a revelação de que os jornais diários não estavam totalmente fechados à campanha simbolista; resta saber, com novos estudos, se chegavam a ser *terreno neutro*.

Referências

- BARRETO, Paulo. O simbolismo. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 6. col., 3 out. 1899.
- CLAUDE. Crítica literária. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 5. col., 3 ag. 1899.
- CLAUDE. Crítica literária. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 5. col., 30 ag. 1899.
- CLAUDE. Crítica literária. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 1. col., 4 set. 1899.
- CLAUDE. Crítica literária. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 5. col., 14 out. 1899.
- CLAUDE. Crítica literária. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 8. col., 4 nov. 1899.
- GUIMARÃES FILHO, Luís. “Evocações”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2. col., 13 abr. 1899.
- GUIMARÃES FILHO, Luís. “Poesias” de Alberto de Oliveira (edição da Casa Garnier). *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, rodapé, 13 dez. 1899.
- GUIMARÃES FILHO, Luís. As “Evocações” de Cruz e Sousa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 1. col., 2 abr. 1899.
- GUIMARÃES FILHO, Luís. Um livro de versos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 3. col., 24 abr. 1899.
- SANTIAGO, Gustavo. Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 4. col., 20 abr. 1899.
- SANTIAGO, Gustavo. Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 22 abr. 1899.
- SANTIAGO, Gustavo. Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 7. col., 26 abr. 1899.
- SANTIAGO, Gustavo. Cruz e Sousa. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 5. col., 29 abr. 1899.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, rodapé, 8 abr. 1899.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, rodapé, 5 maio 1899.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, rodapé, 1. dez. 1899.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, rodapé, 19 dez. 1899.
- SINHÁ, Flor. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 5. col., 5 jul. 1899.
- TEIXEIRA, Múcio. Bibliografia. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, p. 2, 1. col., 28 out. 1899.

Recebido: 19 de março 2011
Aprovado: 11 de abril 2011
Contato: simoes@femanet.com.br